
**SOBRE O PROCESSO DE FAZER-SE HUMANO: PARA UMA APROXIMAÇÃO
ENTRE JEAN PIAGET E ERNANI MARIA FIORI**

Diandra Dal Sent Machado¹**Resumo**

Neste trabalho, elaboramos uma aproximação entre aspectos dos pensamentos do epistemólogo suíço Jean Piaget e do filósofo brasileiro Ernani Maria Fiori. Essa aproximação é feita observando (i) a influência da dialética hegeliana tanto em Piaget quanto em Fiori, e (ii) como essa influência marca as explicações formuladas por um e outro acerca do processo que permite ao ser humano se fazer como tal. Esse processo é tematizado por Piaget e por Fiori de maneiras próprias. Todavia, há nessa tematização pelo menos um ponto comum que marca as explicações de ambos para o processo de vir a ser do ser humano como tal: a ideia de que o inacabamento do ser se configura como condição humana. Ao traçarmos essa aproximação, no caso do epistemólogo suíço, atentamos para o quarto período de sua obra, onde a presença da dialética hegeliana é explícita; no caso do filósofo brasileiro, para a terceira etapa de seu pensamento, também fortemente marcada por essa dialética. Nesse movimento de aproximação entre aspectos dos pensamentos dos autores, mobilizamos, sobretudo, as díades sujeito-objeto e consciência-mundo utilizadas, respectivamente, por Piaget e por Fiori.

Palavras Chave: Jean Piaget. Ernani Maria Fiori. Condição humana. Inacabamento do ser. Dialética hegeliana.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com bolsa CAPES. E-mail: dian-dra_mac@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0421-5124>.

**ON THE PROCESS OF BECOMING HUMAN: TOWARD AN APPROACH
BETWEEN JEAN PIAGET AND ERNANI MARIA FIORI**

Abstract

In this paper, we elaborate a link between aspects of the thoughts of the Swiss epistemologist Jean Piaget and the Brazilian philosopher Ernani Maria Fiori. This approach is made by observing (i) the influence of Hegelian dialectics in both Piaget and Fiori, and (ii) how this influence marks the explanations formulated by one and the other about the process that allows the human being to be as such. This process is themed by Piaget and Fiori in their own ways. However, in this thematization there is at least one common point that marks the explanations of both as far as the process of becoming human is concerned: the idea that the unfinished being is configured as a part of the human condition. In tracing this approach, in the case of the Swiss epistemologist, we pay attention to the fourth period of his work, in which the presence of Hegelian dialectics is explicit; in the case of the Brazilian philosopher, we focus on the third stage of his thought, also strongly marked by Hegelian thought. In this movement of approximation between aspects of the authors' thoughts, we took into account, above all, the subject-object and world-consciousness dyads used, respectively, by Piaget and Fiori.

Keywords: Jean Piaget. Ernani Maria Fiori. Human condition. Unfinished being. Hegelian dialectics.

Considerações iniciais

Jean Piaget (1896-1980) nasceu na Suíça. Ernani Maria Fiori (1914-1985) nasceu no Brasil. Foi na Suíça que Piaget elaborou seu pensamento e suas propostas em Epistemologia e em Psicologia, mais especificamente, como Epistemologia e Psicologia Genéticas. De sua parte, Fiori elaborou seu pensamento sobretudo no Brasil e no terreno da Filosofia. Sem desconsiderarmos as diferenças existentes entre os autores, há, pelo menos, um ponto comum entre eles que marca sobremaneira seus pensamentos. É a partir desse ponto que propomos, neste trabalho, traçar um percurso de aproximação entre aspectos de seus pensamentos.

O ponto comum a que nos referimos é a ideia de inacabamento do ser como condição humana, presente tanto em Piaget quanto em Fiori, ainda que apresentada manejando outras terminologias. Mais que isso, é a ideia de que o ser humano, como membro da espécie humana, nasce inacabado e que, contando com esse inacabamento como condição humana, vai se fazendo como humano por meio de processos específicos. A análise desse ponto comum entre os autores será feita considerando uma influência teórica compartilhada pelos autores: a dialética hegeliana.

Para elaborar essa aproximação entre aspectos dos pensamentos de Piaget e de Fiori, utilizaremos, sobretudo, as obras *A Tomada de Consciência* ([1974]1977), de Piaget, e *Metafísica e História* ([1987]2014), de Fiori. Observamos, neste momento, que este exercício de aproximação se apresenta aqui como um estudo introdutório.

O mundo de Piaget e o mundo de Fiori: algumas notas biográficas

Ao elaborarmos uma aproximação entre Piaget e Fiori, é preciso notar que, mais do que terem sido contemporâneos, eles nasceram, viveram e desenvolveram seus pensamentos em espaços com condições históricas, políticas e culturais bastante distintas. Destacamos que suas formações também se deram por caminhos diversos. Pensando nisso, pautamo-nos pelo entendimento de Febvre (1989) quando se posiciona contrário à ideia de que intelectuais viveriam em torres de marfim e nelas produziriam seus trabalhos, de modo que suas produções teriam marcas apenas daquilo que fosse interno a essas torres, ou, dito de outro modo, às comunidades científicas. Para Febvre (Ibid.), as produções intelectuais são marcadas pelas intensas relações que constituem as sociedades em que os intelectuais vivem, para além do interior das comunidades científicas de que são parte. É contando com essa orientação que costuramos aqui uma aproximação entre Piaget e Fiori.

Jean Piaget nasceu em Neuchâtel, na Suíça, no ano de 1896. Desde muito jovem demonstrou interesse pela área científica. Aos onze anos de idade publicou algumas linhas sobre um pardal albino. Em seguida, tornou-se assistente de Paul Godet no Museu de História Natural de Neuchâtel. Paul Godet era especialista em malacologia, o que possibilitou que Piaget estudasse a área. Seu envolvimento com a malacologia foi tamanho que sua tese para obtenção do grau de bacharel em Ciências Naturais pela Universidade de Neuchâtel foi intitulada *Introdução a Malacologia da região do Valais*. Essas e outras informações podem ser encontradas em sua *Autobiografia* ([1954]1976). Embora Piaget tenha formação na área de Ciências Naturais, e a Biologia seja uma espécie de área de origem sempre presente, a Epistemologia foi seu grande campo de interesse. A elaboração de uma proposta epistemológica se fez possível contando com as contribuições da Psicologia como Ciência. De acordo com Parrat-Dayan (2006, p. 14), só após

[...] ter publicado 15 livros sobre a psicologia da inteligência, onde mostra como as crianças constroem os instrumentos de seus próprios conhecimentos, Piaget escreveu *Introdução da Epistemologia Genética* (1950). Ele ‘confessa’ que só depois de muitos anos de pesquisa em psicologia sobre a lógica da criança que ele pôde marcar as linhas da Epistemologia Genética que, já no início de seus estudos de zoologia, ele queria elaborar.

Ernani Maria Fiori nasceu em Porto Alegre, no Brasil, no ano de 1914. Ele fez seus estudos no Colégio Anchieta, tendo na figura de padre Werner von und zur Mühler seu primeiro mestre de Filosofia (Cf. FIORI, [1987]2014, p. 44). Embora a Filosofia tenha sido área de interesse desde a adolescência, Fiori graduou-se em Direito. Trabalhou como professor de Filosofia do Direito e consagrou-se como professor de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), permanecendo nessa função até o momento em que foi expurgado da Universidade pela ditadura militar brasileira, instaurada após o golpe militar de 1964. Depois de ter sido expurgado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela ditadura militar, sob a acusação de corruptor da juventude, Fiori passou um tempo trabalhando na Universidade de Brasília (UNB), mas logo sentiu a necessidade de se auto exilar, partindo para o Chile. Viveu exilado no Chile de 1966 até 1973, quando Salvador Allende também foi derrubado por um golpe militar.

No Chile, Fiori acompanhou a publicação de *Pedagogia do oprimido* (1968), de Paulo Freire, e escreveu o prefácio dessa obra. Nesse prefácio, intitulado “Aprender a dizer a sua palavra”, Fiori registra sua esperança na autonomia como algo possível para o ser humano e para o seu continente. Entretanto, esse tipo de registro escrito de seu pensamento não era algo corriqueiro. Enquanto Piaget tem uma obra bastante vasta, com diversos livros e artigos publicados em parceria com pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, em boa parte fruto de trabalhos coletivos no Instituto Jean-Jacques Rous-

seau e no Centro Internacional de Epistemologia Genética (Cf. PARRAT-DAYAN, 2006), Fiori adotou uma postura distinta, fazendo uma “opção pelo primado do magistério sobre a produção de textos escritos” (FIORI, [1987]2014, p. 14). Por conta dessa escolha, as obras *Metafísica e História* e *Educação e Política* são resultado de uma compilação das produções de Fiori que foram organizadas por duas de suas ex-alunas, Maria Siczkowska Mascarello e Maria Tereza Papaléo. Alguns textos que compõem os dois livros “resulta[m] de um esforço de restauração de gravações que por vezes circulavam sem que o Prof. Fiori sequer soubesse”, afirmam as organizadoras, conforme Nota à 2ª Edição (FIORI, [1987]2014, p. 15).

Ainda no que tange a algumas notas biográficas acerca de nossos autores, salientamos que, assim como Fiori, Piaget cresceu em um ambiente em que a religião era presente, sobretudo por influência materna. O “jovem Piaget” chegou a manifestar tendências espiritualistas e idealistas. Todavia, sua vida e obra se deram no sentido de um comprometimento com a Ciência, contrapondo-se fortemente ao que podemos entender como pensamento metafísico, mas sem recair em qualquer positivismo científico (Cf. PIAGET, [1965]1978). Por sua vez, Fiori permaneceu bastante religioso durante toda a sua vida. Enquanto o distanciamento da religião é parte da vida de Piaget e essa espécie de não-presença metafísica incide sobre sua obra, em Fiori, tanto na vida quanto na obra, a religiosidade se faz fortemente presente. Diferentemente de Piaget, Fiori não nega o pensamento metafísico. Para o filósofo brasileiro, o entendimento do ser humano como um ser inacabado passa também pela questão metafísica. Essa é uma diferença importante a ser destacada quando se busca elaborar uma aproximação entre os pensamentos desses dois autores. Todavia, a presença da metafísica no pensamento de Fiori é conciliada com a ideia eminentemente moderna de que a ação humana é o que define o mundo humano. Fiori não deposita fora do mundo

humano a responsabilidade por aquilo que se dá nele. Para Fiori ([1987]2014 p. 16), interessava

descobrir a existência na experiência de ser, na qual o mistério do ser perturba para esclarecer, comprometendo; rejeitar como eventual, ou abstrata, essa experiência, re-conhecendo-a como esperança inscrita na *práxis* histórica dos homens; integrar ser e história [...].

Retomaremos essa questão adiante, ao tratarmos da ideia de inacabamento do ser em Piaget e Fiori. Antes disso, e como preparação para essa discussão, iremos nos deter sobre uma influência teórica compartilhada por ambos: a dialética hegeliana. Essa incursão, ainda que breve, justifica-se na medida em que compreendemos essa influência como nuclear na explicação desenvolvida por nossos autores para o processo de se fazer humano.

A influência da dialética hegeliana

Piaget foi um pensador de muitas influências. No que diz respeito ao campo da Filosofia, duas influências são bastante relevantes para o desenvolvimento de sua obra: o pensamento de Immanuel Kant (1724-1804) e o de Friedrich Hegel (1770-1831). No caso da influência kantiana, sublinhamos a compreensão de que o sujeito conhece o mundo e a si mesmo por meio de suas estruturas cognitivas, de sua razão. A influência hegeliana, por sua vez, pode ser encontrada no que diz respeito à forma do movimento dialético, com seus momentos de imediatez ou afirmação, negação e superação com algum grau de elevação, ou ainda, com algum grau de novidade.

A obra de Piaget pode ser dividida em quatro grandes períodos (Cf. MONTANGERO; MAURICE-NAVILLE, 1998). A produção que vai dos anos 1920 ao início dos anos 1930 é denominada como pertencente ao período das mentalidades infantis e do egocentrismo. Os trabalhos de meados dos anos 1930 até por volta de 1945 caracterizam o segundo período de sua obra como funcio-

nalista, enquanto o terceiro período é denominado como estruturalista, compreendendo obras publicadas entre o final de 1930 e o final de 1950. O quarto e último período de sua obra é mais interacionista e dialético e diz respeito aos trabalhos publicados a partir dos anos 1970. De acordo com Montangero e Maurice-Naville (1998), a influência da dialética hegeliana na obra de Piaget se dá, sobretudo, nesse quarto período de sua obra. Discorrendo sobre esse quarto período, Montangero e Maurice-Naville (Ibid., pp. 68-69) afirmam que

os trabalhos do quarto período caracterizam-se pela multiplicidade dos conceitos explicativos do progresso. Esse é visto como uma equilibrção gradual de atividades cognitivas, mas também, como um progresso de abstração reflexionante a partir dessas atividades, acompanhada de abstrações empíricas tiradas dos objetos. Piaget não se limita a recorrer a tais conceitos. Ele analisa também a extensão dos conhecimentos em termos de tomada de consciência, de abertura para novos possíveis e de generalização. De modo geral, os escritos desse período revelam uma concepção mais claramente interacionista e dialética que os do terceiro período, ainda que esses dois aspectos tenham sempre feito parte do ponto de vista piagetiano. O retorno à inspiração biológica tem como consequência uma certa colocação em relevo da dupla direção da interação cognitiva: a que vai do sujeito ao objeto de conhecimento e os efeitos da acomodação devido ao meio. As constatações que o sujeito pode fazer na realidade às vezes provocam perturbações cognitivas que ativam o mecanismo de equilibrção majorante. Uma tal dialética pode ter lugar no interior mesmo do espírito do sujeito, entre diversos domínios ou subsistemas de conhecimento.

Entre as obras desse quarto período, destacamos as seguintes: *A Tomada de Consciência e Fazer e Compreender*, ambas de 1974, *Abstração Reflexionante: Relações Lógico-Aritméticas e Ordem das Relações Espaciais*, de 1977, e *As formas elementares da dialética*, de 1980.

Fiori também é um pensador de muitas influências e, assim como no caso de Piaget, a obra do filósofo brasileiro também é composta por algumas etapas. Em 1983, em entrevista concedida às alunas do curso de pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Dorilda Grolli e Zita Biazús, Fiori ([1987]2014, pp. 16-17), Fiori afirma que

a síntese de seu pensamento desenvolveu-se em três etapas, sem muita determinação de limites entre elas. Seria mais um processo no qual a biografia de uma reflexão continuada substitui a lógica de um sistema. Brevemente, descreve as três etapas: 1. Filosofia voltada mais para o objeto. A formação neotomista é manifesta e a influência dominante é a de Jacques Maritain (1940 a 1950). 2. Filosofia que busca mediação do sujeito para penetrar no objeto. O neotomismo, presente através de G. Madinier, A. Forest, S. Strasser e outros, é repensado na perspectiva da 'filosofia do espírito', com acentuada influência de L. Lavelle e M. F. Sciacca, tendo, talvez, como ponte entre as duas linhas filosóficas, o personalismo de M. Nédoncelle. O esclarecimento da ideia do sujeito como mediador exige a incursão na fenomenologia, através da leitura de Husserl, Merleau-Ponty, Sartre, e a preocupação central será, agora, ligar fenomenologia e metafísica. H. Duméry influencia esse momento de ligação. Criticado, nesta etapa, como construtor de uma 'metafísica da subjetividade', metafísica de um ser vazio e fechado, argumenta, no entanto, que sua produção, em tal época, aponta para outra direção (não percebida por seu crítico): a do ser aberto, a da participação dos entes no ser. Fiori pretende, nesta fase, encontrar a ligação intrínseca entre a 'participação real' (Lavelle), a analogia tomista e a dialética moderna. Os estudos dialéticos de então se iniciam com alguma leitura de Hegel e, notadamente, da leitura influente do neotomista André de Marc, em seus escritos *Dialectique de l’Affirmation* e *Dialectique de l’Agir* (1950 a 1960). 3. Filosofia do sujeito no mundo ou do mundo do sujeito, da dialética do sujeito-objeto – através da qual a ação histórica faz-se reveladora da Verdade. Fiori retoma sua reflexão a partir de uma releitura de Hegel e de Marx, nela se aprofundando, sem que isso signifique comprometimento cabal com o ideário de um ou outro desses filósofos. Mas é, ainda, a juventude do espírito filosófico que vê, em cada filosofia, 'a alma escondida da verdade', assumindo-a no itinerário para o Absoluto.

Conforme observa o próprio Fiori ([1987]2014) no trecho supracitado, por volta dos anos de 1950 a dialética moderna, isto é, a dialética hegeliana, passa a influenciar seu pensamento. Assim como o pensamento de Piaget vai se reconstruindo continuamente no decorrer dos períodos de sua obra, expressando esse desenvolvimento em seus trabalhos, o humanismo histórico de Fiori também passa por um processo evolutivo. Em 1977, a conferência intitulada *Filosofia e História em Hegel*, "realizada quase quinze anos após a tese para a cátedra, revela ágil familiaridade com o pensamento de Hegel e objetividade na problematização da relação filosofia-história-política" (Ibid., p. 26).

Inacabamento do ser como condição humana e o processo de se fazer humano

A ideia de devir é nuclear na dialética hegeliana. Salientando o caráter produtivo do movimento dialético, como forma do processo, Hegel ([1807]2007, p. 65) afirma: “[...] o movimento dialético, esse caminhar que a si mesmo produz [...]”. Em sentido complementar, Hegel ([1837]1980, pp. 338-339) ainda diz que “[...] o fruto do desenvolvimento [...] é o resultado do movimento, mas, enquanto é só resultado dum degrau, é como que o derradeiro destes degraus; ao mesmo tempo, é o ponto de partida e o primeiro dum sucessivo desenvolvimento.”. Nesse processo, para Hegel, o ser humano só vem a ser na medida em que se faz. “O verdadeiro ser do homem é, antes, seu ato” (HEGEL, [1807]2007, p. 231).

Piaget e Fiori entendem que o ser humano não está dado como pronto. Compreendem que a ação humana é o que pode constituir o ser humano como tal, como resultante do processo. Respeitadas as especificidades de seus pensamentos, o epistemólogo suíço e o filósofo brasileiro garantem espaço privilegiado para a ação humana no processo de constituição do ser humano como tal. Cada um dos autores explica esse processo a seu modo. Reafirmando o que já foi frisado anteriormente, orientamo-nos aqui pela compreensão de que esses modos estão vinculados, pelo menos em alguma medida, às próprias biografias dos autores.

Vinculado à sua área de formação, Piaget partiu da Biologia para explicar o que chamamos aqui de movimento de constituição do ser humano. Mais que isso, utilizou a Psicologia como Ciência, especificamente, sua Psicologia Genética, para construir uma proposta em Epistemologia. De outra parte, Fiori construiu seu pensamento no terreno da Filosofia e sem aproximações com a Biologia

ou com a Psicologia. Dito isso, vejamos alguns aspectos das explicações elaboradas por cada um dos autores para a questão de como o ser humano, entendido por ambos como inacabado, é capaz de se tornar um ser de subjetividade, isto é, capaz de se fazer humano.

Piaget se dedica ao “[...] problema ‘positivo’ [...]” de “[...] como aumentam os (e não o) conhecimentos? [...]” (PIAGET, [1970]1978b, p. 33). Esse conhecimento de que fala Piaget é o conhecimento como forma, estrutura, ou ainda, diz respeito à razão propriamente dita. Para Piaget, a razão não está dada como pronta nem no próprio ser humano nem no meio. Mais especificamente, o autor propõe que

o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se impoariam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não de intercâmbio entre formas distintas (PIAGET, [1970]1978a, p. 6).

De acordo com Piaget, no início da vida, como vida do organismo, não podemos falar nem de sujeito nem de objeto. A relação inicial que permite que se possa falar, adiante e na dependência de certas realizações, em sujeito e objeto é a relação entre organismo e meio. Para Piaget, há continuidade entre a organização biológica e a organização mental, isto é, há continuidade entre organismo e sujeito (Cf. PIAGET, [1967]1973). O que existe, nesse momento inicial, é uma indiferenciação completa entre os polos da relação epistemológica. Pela *interação* entre organismo e meio, pouco a pouco, vão se constituindo tanto sujeito quanto objeto. Entretanto, faz-se importante sublinhar que o sujeito, para existir como tal, precisa continuar existindo como organismo, posto como organismo que se fez sujeito. Não existe, para Piaget, a ideia de um sujeito acabado, um sujeito consciente de si que esteja dado como pronto. Assim como não há desde o início um sujeito consciente de si, também não há objeto plenamente constituído para

o sujeito. A existência do sujeito consciente e do objeto como aquilo que pode ser conhecido pelo sujeito depende da ação do próprio sujeito, inserido no meio físico e social.

Em Piaget, a ação do sujeito – portanto, sempre também ação de um organismo – pode se dar em dois sentidos: sobre o mundo e sobre si mesmo, respectivamente, como assimilação e como acomodação. Esses conceitos de assimilação e acomodação são estendidos por Piaget do campo da Biologia para o do funcionamento psicológico. A assimilação e acomodação formam, juntas, o movimento de *interação*. No que diz respeito ao importante papel desse movimento, para a Epistemologia Genética,

[a] inteligência não principia, pois, pelo conhecimento do eu nem pelo das coisas como tais, mas pelo da sua interação; e é orientando-se simultaneamente para os dois pólos dessa interação que a inteligência organiza o mundo, organizando-se a si própria. (PIAGET, [1963]1970, p. 330).

Sujeito e objeto formam uma díade; o sujeito organiza o mundo na medida em que se organiza como sujeito. Em Piaget, essa organização é uma construção propriamente dita. A construção, ou ainda, as sucessivas construções permitem o desenvolvimento do sujeito em sentido amplo. Mais do que ser uma construção, é uma construção que se dá por interação, isto é, uma construção que se dá como resultante do processo de interação. De acordo com Ramozzi-Chiarottino (1988, p. 10), existe uma evolução do conceito de adaptação no decorrer da obra de Piaget, de modo que “[e]m um terceiro momento, explica-se em termos de uma ‘abstração reflexiva’ [ou ainda, como *abstração reflexionante*] que encarna o processo dialético, através do qual o ser humano cresce, se socializa, conhece e se autodetermina.”. Cabe salientar que, desde o primeiro período de sua obra, em Piaget, assimilação e acomodação constituem o movimento de *adaptação*, ou ainda, de *equilíbrio*. Ainda de acordo com Ramozzi-Chiarottino (1994, p. 33), “[a] ação na concepção de Piaget só pode ser entendida como parte do

funcionamento de toda organização viva [...]”; organização que, buscando preservar a si mesma e se manter viva, adapta-se. “A adaptação é uma equilibração [...]” (PIAGET, [1967]1973, p. 235).

No movimento de adaptação, ou ainda, de equilibração, assim como na dialética hegeliana, a contradição ocupa papel crucial, sendo parte constituinte desse movimento que possibilita a construção da organização do sujeito e do mundo para o sujeito em níveis cada vez mais complexos. De acordo com Montangero e Maurice-Naville (1998, p. 71), “[a]s contradições às quais essa interação conduz podem ser, algumas vezes, fonte de progressos cognitivos, na medida em que a criança busca superá-las”. Dito isso, é importante atentar para a questão de que as contradições também são construídas. Elas não se dão simplesmente como contradições; fazem-se contradições na dependência das estruturas anteriormente construídas pelo sujeito por interação. Entendendo o caráter construtivo da contradição e da superação da contradição no movimento de interação, para Piaget, é justamente por meio desse movimento que, pouco a pouco, vai sendo estabelecida diferenciação entre organismo e meio. Nessa diferenciação, que é em si uma construção, como já sublinhado, sujeito e objeto vão sendo constituídos simultaneamente, como díade.

Mencionamos que, para Piaget, o sujeito não está dado de modo acabado como sujeito consciente de si. A consciência não existe como algo pronto, nem no sujeito nem no mundo fora dele. Ela vai sendo construída, gradualmente, conforme as ações do sujeito sobre o mundo (assimilação) e sobre si mesmo (acomodação), bem como conforme a apropriação dessas ações, que, por sua vez, é também ação. O conceito de *tomada de consciência* é utilizado por Piaget no sentido de conceituação, isto é, como explicação dada pelo sujeito acerca de suas ações. “[A] tomada de consciência de um esquema de ação o transforma num conceito,

essa tomada de consciência consistindo, portanto, essencialmente, numa conceituação” (PIAGET, [1974]1977, p. 197). A conceituação se dá sempre a partir daquilo que foi construído anteriormente, portanto, é sempre reconstrução. Nesse sentido, levando em conta a forma do movimento dialético hegeliano, podemos entender as tomadas de consciência de que fala Piaget como espécie de fechamento, ainda que momentâneo, de uma totalidade. O processo de construção de conhecimento está sempre em aberto, sem um fechamento final, assim como o próprio sujeito, e isso é o que marca o entendimento de que o ser se dá de modo inacabado. Entretanto, o progresso cognitivo, que se confunde com a própria evolução do sujeito, é constituído de diversos momentos de fechamento, ainda que sempre com algum grau de abertura. Isso possibilita falarmos em continuidade entre aquilo que estava sendo e aquilo que veio a ser, bem como entre o que está sendo e aquilo que poderá vir a ser. Nesse sentido, comportando fechamentos e aberturas, Piaget entende a consciência como um sistema dinâmico. Tanto em *A Tomada de consciência* quanto em *Fazer e Compreender*, Piaget afirma que existe continuidade entre a ação e a compreensão da ação, pois a representação que envolve o compreender se dá como patamar superior de algo que já existia no âmbito do fazer, mas elevado para um outro patamar.

Explicando o movimento de tomada de consciência, Piaget entende que se trata de um movimento que “procede da periferia para o centro” (PIAGET, [1974]1977, p. 198). Há, portanto, uma espécie de direção desse movimento constituinte da consciência, ou ainda, do próprio sujeito. “[N]ão definiremos a periferia nem pelo objeto nem pelo sujeito, mas pela reação mais imediata e exterior do sujeito em face do objeto” (Ibid.). Complementando essa ideia, ele ainda afirma que

a tomada de consciência, parte da periferia (objetivos e resultados), [e] orienta-se para as regiões centrais da ação quando procura alcançar o

mecanismo interno desta: reconhecimento dos meios empregados, motivos de sua escolha ou de sua modificação durante a experiência, etc. (Ibid.).

O centro é a parte mais interna do sujeito e do objeto, enquanto a periferia é a parte mais externa de ambos. Na interação entre sujeito e objeto, o encontro inicial é sempre mais periférico. A periferia é aquilo que está igualmente distante tanto do centro do sujeito quanto do centro do objeto. Da periferia, a tomada de consciência vai orientando-se para “os mecanismos centrais C da ação do sujeito, ao passo que o conhecimento do objeto orienta-se para suas propriedades intrínsecas (e nesse sentido igualmente centrais...), e não mais superficiais” (PIAGET, [1974]1977, p. 199). Conforme o sujeito vai se apropriando do objeto e de suas ações, ele vai se aproximando cada vez mais das regiões centrais. Como mencionado anteriormente, a apropriação da ação é também ação. O sujeito não só age, mas é capaz de agir sobre a ação anterior, apropriando-se dela e tomando consciência dessa ação, dos mecanismos envolvidos nela. Ao agir sobre a ação anterior, o sujeito se coloca em outro patamar, assim como coloca em outro patamar a própria ação, reconstruindo-a. A apropriação da ação efetuada é o que permite a melhoria das ações futuras. Essa apropriação é a reflexão propriamente dita. Dito de outro modo, o sujeito vai se organizando e organizando o objeto para si de modos mais adaptados, conforme Piaget compreende o sentido de *adaptação*, ou ainda, de *equilibração*. Podemos dizer que essa apropriação se dá como superação, que lança tanto sujeito quanto objeto para um outro momento. Esse momento é mais elevado que os anteriores, mas se dá como continuidade deles, marcando uma continuidade evolutiva.

É nesse sentido que as tomadas de consciência se dão da periferia para o centro, auxiliando na construção de maiores graus de subjetividade e de objetividade. Subjetividade e objetividade se constroem sempre em sentidos equiva-

lentes. Quando o movimento de apropriação dos mecanismos da ação pelo sujeito faz com que sua subjetividade seja ampliada, esse movimento amplia também a objetividade para o sujeito. As tomadas de consciência, todavia, não se dão apenas sobre a ação material. Conforme esclarece Piaget ([1974]1977), no nível das ações materiais já existe passagem da consciência dos objetivos e resultados à consciência dos meios que são empregados para alcançá-los, e “essa interiorização da ação, por isso mesmo, leva, no plano da ação refletida, a uma consciência dos problemas a resolver e daí à consciência dos meios cognitivos (e não mais materiais) empregados para resolvê-los” (Ibid., p. 198). As tomadas de consciência se dão em diversos patamares dentro do processo geral de construção do sujeito como tal. Conforme Piaget (Ibid., p. 204),

[s]e a tomada de consciência procede da periferia para as regiões centrais C da ação e se por outro lado, seu mecanismo é semelhante ao do conhecimento dos objetos, é evidente, então, que esse conhecimento do real só pode partir do fenômeno, isto é, das aparências periféricas que ele apresenta ao sujeito, para empenhar-se a seguir na direção da natureza intrínseca das coisas, e de suas conexões causais, ambas ultrapassando o campo dos dados de observação em direção às regiões centrais C' que correspondem às regiões centrais C da ação própria. Ora, se procurarmos destacar os processos psicogenéticos a que se estendem essas considerações banais, nos encontraremos em presença de relações complexas que interessam tanto ao problema da tomada de consciência da ação própria quanto ao da construção geral do conhecimento.

O sujeito se constitui na medida da constituição de suas estruturas cognitivas, de seu conhecimento como forma, e essa constituição se dá conjuntamente à constituição do mundo do objeto para o sujeito. Para tanto, entram em jogo movimentos de interiorização e de exteriorização. Há nesses movimentos o que Piaget denomina solidariedade epistêmica, uma vez que a ação em um sentido gera uma ação em sentido oposto, e em igual intensidade. A solidariedade acontece apesar de os movimentos de interiorização e de exteriorização se darem em sentidos opostos; ou melhor, exatamente por se darem em sentidos opostos, e daí sua dialeticidade. Nesse sentido, “[...] todo progresso de um acarreta um

progresso do outro” (PIAGET, [1974]1977, p. 209). Assim como na díade sujeito e objeto, os movimentos de interiorização e de exteriorização acontecem de modo interdependente.

Em Piaget, sujeito e objeto, ou ainda, subjetividade e objetividade constituem uma díade na medida em que um se faz junto com o outro. Não há objeto sem sujeito capaz de constituí-lo enquanto tal, do mesmo modo que o sujeito não tem como vir a ser se não for a partir de sua relação com o mundo físico e social. Sujeito e objeto são inacabados e dinâmicos, isto é, eles tanto não estão prontos quanto não podem ser dados como acabados em algum momento, desde que exista vida como vida do organismo posto em um meio. O inacabamento inicial não finda com as construções que vão se dando na medida das interações. Mas essas construções permitem que o ser humano venha a ser como tal, ainda que seu estar sendo seja um estar sendo vinculado à própria condição de ser inacabado.

Como vimos, ao falar em construção da subjetividade, Piaget utilizava a díade sujeito e objeto, entendendo que o sujeito é sempre e necessariamente um organismo. Fiori também fala em dialética do sujeito-objeto (FIORI, [1987]2014, p. 17). Mas aqui utilizaremos outra díade mobilizada por Fiori para tratar do processo de construção do ser humano enquanto sujeito e do mundo enquanto objeto de conhecimento para o sujeito, a saber: consciência-mundo. Dizer consciência-mundo é um outro modo de falar do processo de construção da subjetividade e da objetividade.

Assim como Piaget, Fiori recusa a ideia de fixidez e de acabamento do ser. “Esta é a nossa grande aventura histórica: descobrir o homem. Ele não está dado, no início, como uma natureza” (FIORI, [1987]2014, p. 59). A ideia de que existiria uma natureza humana fixa e acabada para o ser humano é inexistente

também em Fiori. Para ele, o ser humano não é, mas se faz, e “se faz continuamente” (FIORI, [1987]2014, p. 83). Fiori fala em “abertura do ser” (Ibid., p. 173). Essa abertura do ser, enquanto vir a ser, marca seu inacabamento. O ser humano “[...] é intrinsecamente constituído do que ele já é e do que ele pode vir a ser. É tão real como o que é, como o que pode vir a ser” (Ibid., p. 46). Mas o que é se dá como um estar sendo, e esse estar sendo veio a ser na medida de toda a constituição anterior, efetivada pelo próprio ser humano no mundo. Fiori entende que a “[...] conscientização é um processo [...] inacabado – como o homem.” ([1987]2014, p. 104). O que existe é um processo contínuo, dinâmico e em aberto da constituição da consciência, e o que vem a ser só vem a ser no e pelo processo. Nesse sentido, para Fiori ([1992]2014, p. 86),

[...] nem a consciência é reflexo do mundo, nem este é simples projeção daquela. O mundo é significado no permanente significar ativo, que não é atividade de uma consciência pura, mas desenvolvimento dialético da consciência do mundo, ou do mundo consciente. Esse significar ativo não termina num significado que seria como seu produto estático e acabado. O significar e o dinamismo interior do significado, como um fazer que não termina em produto feito, mas em que o feito é uma contínua manifestação de um fazer que se refaz continuamente.

Em sentido próximo ao de Piaget, para Fiori, sujeito e objeto não são preexistentes (FIORI, [1992]2014, p. 86). De início, para o ser humano, nem consciência nem mundo estão dados. Vejamos como Fiori (Ibid., pp. 85-86) explica a questão:

A imaginação espacializante faz da consciência o receptáculo de um mundo que a preenche e a excede. É a imagem oculta em todos os dualismos que separam consciência e mundo e os estabilizam em duas entidades, de cujo encontro surgiria a consciência do mundo. O encontro referido, entretanto, não é o resultado de dois entes que se encontram, mas, sim, a origem de ambos; ‘encontro originário’. Não dizemos que o encontro seja causa, mas origem da consciência e do mundo. Antes do mundo consciente, a consciência é vazio total; fora da consciência do mundo, este é ausência sem nome. Juntos, consciência e mundo ganham realidade. Um não se perde no outro, perdendo sua identidade: identificam-se um através do outro. O eu consciente é presença que se presentifica a si mesmo ao presentificar o outro. E o outro – uma estrela,

uma flor ou um pássaro – só é presente nessa luz da presença. A uma chamamos interioridade e, à outra, exterioridade – metáforas devidas, uma vez mais, às ilusões da imaginação espacializante [...]. Um não pre-existe ao outro – consciência e mundo. E, portanto, fica excluído todo dualismo que os separa para reuni-los.

A consciência como receptáculo diz respeito ao entendimento de que, em sua relação com o mundo, a consciência seria passiva. Fiori não compartilha desse entendimento. Muito ao contrário disso, para ele, a consciência tem papel ativo nesse processo. Para Fiori ([1987]2014, p. 148),

[a] coisa conhecida torna-se objeto, assumindo um novo modo de ser, o de objeto, que, no sujeito, é modo próprio da consciência e não da coisa. Se a coisa ganha novo modo de ser, no conhecimento, então este não pode ser passiva receptividade ou simples cópia daquela. Esse novo modo é conquista ativa do sujeito.

Mais que uma relação da consciência com o mundo, o que existe é uma relação entre consciência e mundo. Essa relação é propriamente dialética. Consciência e mundo se constituem mutuamente, existindo como díade. Em suma, a consciência não existe independente do mundo, bem como o mundo não existe independente da consciência. Para Fiori, interioridade e exterioridade são ainda coisas distintas. Todavia, o ponto de partida é outro: o filósofo brasileiro não as concebe de modo separado, tentando apenas reuni-las. Ele as concebe como coisas que se dão de modo conjunto; distintas, é certo, mas intrinsecamente interdependentes. Como polos de uma relação dialética, interioridade e exterioridade ou consciência e mundo, identificam-se um por meio do outro, uma vez que um só pode existir na medida em que o outro também existe. Não haveria consciência se não houvesse mundo, nem haveria mundo sem consciência que pudesse tematizá-lo como mundo. Para Fiori, “[o] mundo adquire presença pela presença do ser que o presentifica” ([1987]2014, p. 24). É nesse sentido que o encontro não é o encontro de duas coisas já existentes e que apenas se chocam. Mas é encontro como o espaço em que ambos, consciência e mundo, vêm a ser. O encontro é o ponto de partida. Como afirmou o próprio Fiori no trecho anteriormente citado,

é “encontro originário” (Ibid., p. 85). Ao tratar dessa constituição da consciência, Fiori (*in*: FREIRE, [1968]2015, p. 19) ainda diz:

Na dialética constituinte da consciência, em que esta se perfaz na medida em que faz o mundo, a interrogação nunca é pergunta exclusivamente especulativa: no processo de totalização da consciência é sempre provocação que a incita a totalizar-se. O mundo é espetáculo, mas sobretudo convocação. E, como a consciência se constitui necessariamente como consciência do mundo, ela é, pois, simultânea e implicadamente, apresentação e elaboração do mundo.

Para Fiori ([1987]2014, p. 229), “[...] só a consciência de ser si mesma, como consciência de ser, pode ser também consciência do mundo”. Isso porque “[t]oda consciência do mundo implica a autoconsciência de ser” (Ibid., p. 230). Mais que isso, “[a] consciência humana é uma só: consciência do mundo e consciência de si mesma. Não se ausenta de si mesma para ser consciência do mundo; não recusa o mundo para refugiar-se em si mesma” (Ibid.). Esse posicionamento de Fiori é marcadamente dialético.

No prefácio ao *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, Fiori afirma: “A ‘hominização’ não é só processo biológico, mas também história.” (FIORI, *in*: FREIRE, [1968]2015, p. 18). Destacamos que a influência do pensamento hegeliano em Fiori aparece também no que diz respeito ao papel da história no desenvolvimento da consciência. A História ocupa um espaço de relevo dentro da filosofia hegeliana. Em Hegel, o ser, como ser absoluto, faz-se na História e se desenvolve como História. Quando Fiori afirma que a consciência não recusa o mundo e que não se refugia em si mesma, ele está afirmando que ela é uma consciência que não nega a mundaneidade, que não nega a História, os processos sociais, econômicos etc. “O homem se faz historicamente, ele se faz e refaz e vai, assim, conquistando a sua figura” (FIORI, [1987]2014, p. 59). De acordo com Fiori ([1992]2014, p. 91),

[e]ssa historicização não é desenvolvimento das virtualidades de um ente cuja forma ideal se situa antes ou depois da História. Nessa historicização, o homem plasma sua forma concreta e histórica, produz a forma de seu mundo e, por sua mediação, a sua própria. Não reduz sua forma como algo feito, mas a produz em seu fazer: educação e produção se implicam. O homem não é uma essência determinante da existência nem uma existência criadora de essência; sua essência é incessante conquista existencial – é pessoa; mesmo dentro de todos os condicionamentos e determinismos, pode dispor de suficiente energia de ser para existenciar-se, isto é, para re-traçar sua figura histórica, nas linhas do próprio movimento da constituição da consciência como existência.

Fiori desenvolve seu pensamento ainda como metafísica, mas uma metafísica que não se distingue do mundo histórico humano. “[N]ós na história nos conquistamos, nos fazemos, nos plasmamos e nos configuramos” (FIORI, [1987]2014, p. 59). Nesse sentido, a consciência é uma consciência que não se dá de modo independente de todos os acontecimentos que se desenrolam historicamente. É no bojo desses acontecimentos, também tomados como processos, que a consciência pode vir a ser. É no mundo histórico que o ser humano, sem perder sua condição de inacabamento, pode se fazer humano na exata medida em que faz o mundo para si.

Isso é a História: temporalização do eu e do mundo num mesmo processo em que, juntos, se constituem e reconstituem, respondendo ao destino de seu encontro originário. Esse encontro não é um começo no tempo, é a origem permanente de onde, permanentemente, brota esse processo temporalizador em que o homem busca refazer-se. (FIORI, [1992]2014, p. 89).

Assim como Piaget, Fiori se colocou contrário às concepções empiristas e idealistas, e elaborou sua concepção de ser e de conhecer sem cair nem em um nem em outro extremo. É preciso destacar que ser e conhecer, em Fiori, estão intrinsecamente ligados; “[c]onhecer é ser mais ser, porque é ser o outro sem tornar-se outro” (FIORI, [1987]2014, p. 148). Para Fiori, tanto o empirismo quanto o idealismo “exacerbam-se ao assumirem, o primeiro, a experiência passiva, e o segundo, a ativa” (Ibid., p. 24). O empirismo, afirma Fiori, extrema o elemento da

experiência do mundo e lhe atribuí “até mesmo as condições de possibilidade do dar-se [...]. Mas a experiência do mundo não esgota todas as dimensões da experiência: em nossa interioridade, ela interioriza-se e reencontra sua significação essencial” (Ibid., p. 224). Já o idealismo, ao pensar a experiência como atividade pura do espírito, também peca pela univocidade com que pensa uma outra forma de experiência, tão extremada quanto a pensada pelo empirismo (Ibid., p. 225). Para Fiori, assim como para Piaget, a experiência é tanto dependente do mundo exterior quanto do próprio sujeito. Isso porque é o sujeito quem a interioriza de acordo com suas estruturas anteriormente construídas. A significação da experiência depende daquilo que foi anteriormente construído pela consciência. Dito de outro modo, “[a]s significações e as representações não são anteriores ao mundo, não estão fora do mundo; o mundo lhes é o meio necessário. Contudo, não há mundo sem o significar da presença significativa” (Ibid., p. 24). Para Fiori, o ser não se constitui apenas pela experiência entendida aos moldes do empirismo estrito ou apenas pela ideia entendida como algo distante do mundo. Ao entender a experiência em sentido mais amplo do que o proposto pelas concepções empiristas e a ideia como algo que não se dá de modo separado do mundo humano, o pensamento de Fiori pode ser aproximado da proposta epistemológica piagetiana.

A interdependência entre consciência e mundo é marca da filosofia hegeliana, que convoca a historicidade do ser. Fiori sublinha essa interdependência quando diz: “Ao distanciar-se do mundo, constituindo-se na objetividade, surpreende-se, ela, em sua subjetividade.” (in: FREIRE, [1968]2015, p. 20). Em outros termos, e ressaltando o caráter ativo do sujeito, Fiori ([1992]2014, p. 86) ainda afirma: “Mundo e consciência não se opõem estaticamente: dialetizam-se no seio de sua unidade radical e originária. Por isso, entre os dois, a verdade de um se recupera através do outro: não está dada, ela se conquista e se faz; é, ao mesmo tempo, descobrimento e invenção.”. Por fim, observamos ainda que já em Hegel

podemos encontrar isto que viemos apontando como crucial tanto para Fiori quanto para Piaget no que diz respeito ao processo pelo qual o ser humano se faz como tal: a ideia de que o objeto muda porque a consciência muda, e de que a consciência muda também porque é outro o objeto para ela. Dito de outro modo, ao mudar o objeto se modifica também a consciência, ao mesmo tempo, ao mudar a consciência se modifica também o objeto.

Considerações finais

Jean Piaget e Ernani Maria Fiori pautam, de modos distintos e aproximáveis, o ser humano como um ser inacabado, como um ser marcado pela condição humana do inacabamento. Para ambos, o ser humano não está dado de modo pronto, mas se faz humano na medida de processos constitutivos que envolvem tanto sujeito quanto objeto, ou ainda, tanto consciência quanto mundo, de modo que sujeito-objeto e consciência-mundo se dão por mútua constituição, como díades que são, ou melhor, como díades que vem a ser. Esse processo constitutivo está também em aberto, sem um fim definido. Ter um fim definido seria aceitar que o inacabamento do ser só vai até certo ponto. Mas tanto o epistemólogo suíço quanto o filósofo brasileiro entendem que o processo de se fazer humano é contínuo, pois vinculado à condição humana do inacabamento. Esse processo, para que exista como tal, necessita da ação humana para que o coloque em movimento. O vir a ser só é possível enquanto houver ação; ele tem na própria ação humana o recurso necessário para a efetivação daquilo que ainda não está sendo, mas que existe como possibilidade, no campo da abertura. Para Piaget e Fiori, é porque houve ação que o ser humano pôde se fazer enquanto tal na medida dos processos estabelecidos entre sujeito-objeto, ou ainda, entre consciência-mundo, e é na dependência de existir ação que ele poderá ir além daquilo que está sendo, sem desfazer-se, com isso, sua condição de ser inacabado.

Referências

ANDREOLA, Balduino Antonio. O filósofo Ernani Maria Fiori, a Universidade e os Movimentos Populares ontem e hoje. *In: Relatório de Pesquisa. Anexo 1. Dossiê de Produção intelectual recente: Artigos; Palestras.* 1995.

BORNHEIM, Gerd A. **Dialética: Teoria e Prática.** São Paulo: Ed. USP, 1983.

BORTOLETO, Edvaldo José. Ernani Maria Fiori in Fieri: o pensador que se faz ou “um anônimo peregrino do absoluto”. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 37, p. 142-162, jan./abr. 2016.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História.** Editorial Presença: Portugal, 1989.

FIORI, Ernani Maria. **Educação e Política: textos escolhidos - Vol. 2.** [1992]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

FIORI, Ernani Maria. **Metafísica e História: textos escolhidos - Vol. 1.** [1987]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** [1968]. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HEGEL, Friedrich. **Fenomenologia do Espírito.** [1807]. Tradução: Paulo Menezes. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HEGEL, Friedrich. **Introdução à história da filosofia.** [1837]. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

MONTANGERO, J; MAURICE-NAVILLE, D. **Piaget ou a inteligência em evolução.** Tradução: Fernando Becker e Tânia Beatriz Iwaszko Marques. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Piaget e as instituições: o Instituto Jean-Jacques Rousseau, o BIE e o Centro Internacional de Epistemologia Genética. **Mnemosine**, vol. 2, n. 1, p. 12-17, 2006.

PIAGET, JEAN. [1954] **Autobiografia; El nacimiento de la inteligencia; Psicología y Filosofía**. Traducciones: Nora Rosenfeld, Rebecca Puche Navarro e Marcelo Pasternac. Ediciones Caldén: Buenos Aires, 1976.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. [1963]. Tradução: Álvaro Cabral. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1970.

PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética**. [1970]. Tradução: Nathanael C. Caixeiro; Zilda Abujamra Daeir; Célia E. A. Di Piero. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978a.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos**. [1967]. Tradução: Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Epistemologia: Por uma teoria do conhecimento**. [1970]. Tradução: Agnes Cretella. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978b.

PIAGET, Jean. **A tomada de consciência**. [1974]. Tradução: Edson Braga de Souza. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1977.

PIAGET, Jean. **Fazer e compreender**. [1974]. Tradução: Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1978.

PIAGET, Jean. **Sabedoria e ilusões da Filosofia**. [1965]. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores.).

PIAGET, Jean. **Abstração reflexionante: relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais**. [1977]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. **Em busca do sentido da obra de Jean Piaget**. São Paulo: Ática, 1994.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. **Psicologia e Epistemologia Genética de Jean Piaget**. São Paulo: EPU, 1988.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva; ANDREOLA, Balduino Antonio. **Freire e Fiori no exílio: um projeto pedagógico-político**. Editora Ritter dos Reis: Porto Alegre, 2001.

Recebido 07/04/2022

Aprovado 08/08/2022